

## APONTAMENTOS DOS CARIRIS NOVOS OU DO CARIRI-ARARIPE NOS OITOCENTOS: CARIRI CEARENSE NOS ESCRITOS DOS NATURALISTAS JOÃO DA SILVA FEIJÓ E GEORGE GARDNER

### RESUMO

A região é um recurso de compreensão e transmissão do real a partir da ordem espacial. O Cariri cearense sua identificação como uma parte diferenciada do entorno constitui uma importante construção que atravessa séculos e a prática de diversos profissionais. Procura-se trabalhar perspectivas do saber regional a partir de peças discursivas produzidas para o Cariri cearense no século XIX por dois enunciadores identificados como naturalistas: João da Silva Feijó (1760 -1824) e George Gardner (1812 - 1849). Do ponto de vista metodológico, o trabalho exigiu exercitar procedimentos de seleção e análise documental. Feijó e Gardner tiveram sua formação acadêmica na Europa e passaram pelas terras do Cariri cearense respectivamente em 1800 e entre 1838 e 1839. Após se instalarem no Crato, a primeira vila criada no sul do Ceará, percorreram suas redondezas na fase mais seca do ano, explorando e pronunciando a diversidade ‘notável’ dessa zona. A condição excepcional da Serra dos Cariris no período de estiagem, seu potencial quanto aos objetos de estudo da natureza e a posição de Crato em relação as principais vilas dos oitocentos são importantes atributos da produção de enunciações sobre o Cariri.

**Palavras-chave:** Práticas científicas. Naturalistas: Feijó e Gardner. Oitocentos. Estudo regional. Cariri cearense.

### ABSTRACT

The region is a resource of understanding and transmission of reality from the spatial order. The Cariri cearense and its identification as a distinct part of the surrounding landscape is an important building that spans centuries and practices of various professionals. In this study we seek to work perspectives of regional knowledge from discursive pieces produced for the Cariri cearense in the XIX century by two enunciators identified as naturalists: João da Silva Feijó (1760 -1824) and George Gardner (1812-1849). From a methodological point of view, the work required exercise procedures of selection and documents analysis. Feijó and Gardner had their education in Europe and passed through the lands of Cariri cearense respectively in 1800 and between 1838 and 1839. After settled in Crato, the first village created in the south of Ceará, they traversed its surroundings in the driest stage season exploring and pronouncing the ‘remarkable’ diversity of this ‘country’, zone. The exceptional condition of the Cariris mountain in the drought period, his potential regarding the natural objects in study and the position of Crato concerning the main villages of eighteen century are important attributes to produce enunciations about Cariri.

**Keywords:** scientific practices. Naturalists: Feijó and Gardner. Eight hundred. Regional study. Cariri cearense.

### RESUMEN

La región es un recurso de comprensión de lo real a partir del orden espacial. El Cariri de Ceará su identificación como una parte distinta del alrededor constituye una importante construcción que pasa por los siglos y la práctica de diversos profesionales. Se busca trabajar perspectivas de conocimiento regional de piezas discursivas hechas para el Cariri cearense en el siglo XIX, por dos enunciadores identificados como naturalistas: João da Silva Feijó (1760 -1824) y George Gardner (1812-1849). Desde un punto de vista metodológico, el trabajo requirió ejercitar procedimientos de la selección y el análisis documental. Feijó y Gardner tuvieron su educación en Europa y pasaron por de las tierras de Cariri, respectivamente en 1800 y entre 1838 y 1839. Después de establecerse en Crato, la primera villa creada en el sur de Ceará, viajaron por sus alrededores en el escenario más seco del año, explotando y pronunciando la diversidad ‘notable’ de esa zona. La condición excepcional del montaña de Cariris en lo periodo de la estiaje, su potencial con respecto a los objetos del estudio de la naturaleza y la posición de Crato entre las principales villas en los ochocientos son importantes atributos para la producción de los enunciados sobre el Cariri.

**Palabras clave:** prácticas científicas. Los naturalistas: Feijó y Gardner. Ochocientos. Estudio regional. Cariri cearense.

Maria Soares da Cunha  
 Profa. Dra.  
 Universidade Regional  
 do Cariri – URCA  
 maria.soares@urca.br

## INTRODUÇÃO

Crato e cercanias da chapada do Araripe ou simplesmente Cariri constituem referências espaciais utilizadas por intelectuais que, ao longo do tempo, pronunciam a diversidade ‘notável’ desse ‘paiz’, território, região. O espaço diferenciado do entorno ‘impressiona’, tornando-se objeto de observação, de descrição, enfim, de práticas voltadas a sua caracterização. Quais as principais impressões registradas por intelectuais viajantes que passaram nas primeiras décadas do século XIX pelo Cariri cearense?

Pretende-se nesse artigo explorar pronunciamentos sobre o Cariri-Araripe examinados a partir de escritos de dois naturalistas, João da Silva Feijó (1760 -1824) e George Gardner (1812 - 1849). O primeiro intelectual passou por essa parte da capitania do Ceará Grande na segunda metade do ano de 1800. (Gardner permaneceu no Crato e visitou seus arredores entre setembro de 1838 e janeiro de 1839). “O trabalho comunica uma parte da tese” Pontos de (re) visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)”. (CUNHA, 2012).

Para esse exercício, vale traçar algumas linhas sobre a noção de *corpus* nas Ciências Humanas. A noção de *corpus* aqui enfocada liga-se a definição apresentada por Barthes (1967, p. 96 apud BAUER e AARTS, 2004, p. 44), a qual se refere a “[...] uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar.” O seu sentido acentua a natureza proposital da seleção de material e a análise compreensiva como prioridade sobre o exame minucioso. Para delineamento do *corpus*, procurou-se selecionar: 1) textos que ajudam a interpretar o que é o Cariri cearense na temporalidade escolhida – as primeiras décadas do século XIX; 2) material somente do tipo impresso.

Sobre análise documental e definição do *corpus*, Orlandi<sup>1</sup> (1999, p.64 apud MENESES, 1999, p. 2) propõe: “A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face a natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza.” O analista deve desmontar o documento, problematizando suas condições de produção. Fazendo isso interpreta a forma como a sociedade se representa. E os estudos regionais são formas de representação de dada sociedade.

Segundo Gregolin (2004, p. 167), cabe ao examinador buscar, nas condições da produção histórica do documento “[...] as redes discursivas que demonstram o fato de que ele resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinado imagem de si próprias.” Para Gregory (1996, p. 91) “[...] o discurso se refere a todas as maneiras pelas quais nos comunicamos uns com os outros: àquela vasta rede de sinais, símbolos e práticas por meio dos quais tornamos nosso(s) mundo(s) significativo(s) para nós mesmos e para os outros.”

Aqui são privilegiadas produções textuais, discursos, que oportunizam verificar o processo de construção imagético-discursiva da chamada região do Cariri, tomando como enunciadores dois intelectuais dos oitocentos. É uma forma de compreender os átomos de sentido do saber regional que se difundem sobre o Cariri no período contemporâneo.

Berdolay (1999, p.317) explora o discurso “[...] como lugar de elaboração do pensamento geográfico, cada círculo [de afinidade] ou grupo favorecendo certas

<sup>1</sup>ORLANDI, Eni. P. Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

modalidades em vez de outras”. Esse autor valoriza a discursividade e os meios de expressão próprios à atividade do geógrafo. Para o autor, as formas discursivas são ao mesmo tempo forma e sentido, podendo enquadrar, constringer determinadas idéias e também assegurar a veiculação com maior permanência de outras noções. No começo do século XIX, que idéias, imagens e saberes os naturalistas veiculam sobre o Cariri cearense?

### “DITOS” E “DITADOS” DOS CARIRIS NOVOS NO SÉCULO XIX

No século XIX muitos dos objetos que despertam a atenção e geram registros dos estudiosos são os ligados ao naturalismo: “[...] o mundo natural e o homem natural, a paisagem e seu próprio corpo” (SÁBATO, 1993, p. 28). Entre o século XVIII e XIX a mentalidade da ciência se propagou. Através do mundo físico, os homens acreditam que podem atingir a verdade dos fatos, a cura das doenças, a cultura industrial, o avanço técnico.

Progressivamente as ciências naturais e seus processos operacionais ganham status de conhecimento superior, passando a orientar todos os que procuram conhecer, sistematizar, dominar e explicar as “leis naturais”. Localizar, coletar, averiguar os objetos dos reinos mineral, vegetal e animal, compõem importantes operações dessa busca pelo conhecimento.

Pataca e Pinheiro (2005, p. 59) informam que nos séculos XVIII e XIX, “A busca por terras longínquas iria além do espírito aventureiro do viajante, alcançando principalmente razões práticas, como o diagnóstico das riquezas de colônias”. O tipo de registro em relação a qualidade e a quantidade de informação, detalhamento, depende do perfil dos viajantes, se [ ] naturalista ou filósofo natural, se engenheiro, comerciante, religioso, militar, etc.” (PATACA e PINHEIRO, *ibidem*.)

Os profissionais que exercem o ofício de naturalistas geralmente são recrutados por instituições científicas, militares, mas também pelo Estado, por associações comerciais, entre outras. Melquíades Pinto Paiva (2002, p. 23) designa naturalista “[...] aqueles que se dedicam às ciências da natureza, com maior ou menor grau de especialização, mas sempre com uma visão global e integrada dos fenômenos naturais.” Nessa parte do trabalho, exploram-se os registros dos naturalistas João da Silva Feijó e George Gardner.

### O NATURALISTA JOÃO DA SILVA FEIJÓ

Geraldo Nobre (1997) considera João da Silva Feijó o pioneiro dos estudos cearenses. Feijó nasceu no Brasil em 1760, na localidade de Guaratiba, pertencente à Capitania do Rio de Janeiro. Frequentou escola na cidade do Rio de Janeiro, tendo se deslocado para Portugal visando iniciar sua formação superior. Ele iniciou “seus estudos superiores, provavelmente na Academia Militar de Lisboa (extinta em 1779) e/ou na Academia Real de Marinha, sucessora daquela, tendo em vista seguir a carreira militar, como oficial engenheiro.” (PAIVA, 2002, p. 25).

Silva (2007, p. 180-1), afirma que esse naturalista pode ser incluído entre os discípulos do italiano Domingos Vandelli (1730-1815), primeiro lente de Química e História Natural da Universidade de Coimbra. Paiva (2002, p. 25) informa que o jovem João da Silva Feijó recebeu o título de bacharel, “tornando-se engenheiro, embora se desconheça o ano da sua formatura”.

Em 1783 João da Silva Feijó integrou comissão responsável pela *viagem filosófica* nas ilhas de Cabo Verde. Durante a realização desse ofício<sup>2</sup>, Feijó escreveu trabalhos que foram publicados pela Academia Real das Ciências de Lisboa (ARCL), então a mais famosa instituição portuguesa voltada ao campo das ciências naturais. (SILVA, 2007, p. 181).

Silva (ibid., p.179), destaca as ‘*viagens philosophicas*’, que se expandem no final do século XVIII, sob a coordenação da ARCL, como uma das atividades mais relevantes da sistematização da cultura científica em Portugal, sendo “[...] também importantes no processo de institucionalização das ciências naturais no Brasil.” (LOPES e SILVA, 2003).

Em fevereiro de 1799 Feijó recebeu patente, no posto de Sargento-mor (equivalente a major) das Milícias da Capitania do Ceará, embarcando em Lisboa com destino ao Recife no dia 02 de maio de 1799, então com 39 anos, sendo acompanhado pela família e uma criada. “Saiu do Recife em 23 de setembro, por via marítima, tendo desembarcado em Baía Formosa, dali prosseguindo viagem por terra para a então vila de Fortaleza, onde chegou no dia 24 de outubro daquele ano”. (PAIVA, 2002, p. 27).

Na época em que Feijó escreveu os trabalhos sobre a Capitania do Ceará (sobretudo entre 1800 e 1814), as ciências da natureza física recebiam o rótulo de Filosofia Natural. É possível considerar a existência de alguns traços em comum entre o tipo de formação enciclopedista e iluminista da época de Feijó (1760 -1824) e a de outros importantes estudiosos desse período, tais como Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859), ligados ao campo da geografia. Nesse período não havia por aqui nenhuma instituição especializada na produção do saber geográfico<sup>3</sup>.

Esses estudiosos compartilharam um sistema de racionalidade ligado aos que se interessavam pela observação, estudo e descrição da terra. Feijó não utiliza o vocábulo geografia. Não há referência a Humboldt ou Ritter. Mas, é possível identificar nas memórias da capitania do Ceará, algumas aproximações do ofício de *apresentar os produtos naturais e cultivados*<sup>4</sup>, as impressões e inferências sobre aspectos naturais e humanos a partir de uma postura empirista, combinando observações diretas dos lugares e o exercício do pensamento.

Após a experiência de formação e profissionalização em Portugal, Feijó retornou ao Brasil. Passou por terras da capitania de Pernambuco, do Ceará e do Rio de Janeiro. João da Silva Feijó, ao cumprir a patente de sargento-mórfoi incumbido de várias atividades, com destaque para a localização, estudo e extração do salitre (componente insubstituível da fabricação da pólvora).

Para o exercício de análise documental, são exploradas três memórias escritas por Feijó (1760 -1824), entre 1800 e 1814, publicadas respectivamente em 1889, 1912 e 1914

<sup>2</sup> Segundo Paiva (2002, p. 26) o naturalista permaneceu nas Ilhas de Cabo Verde “[...] até 1793 ou mesmo 1795, chegando a exercer funções de secretário do governo [ ]”.

<sup>3</sup> O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro foi criado em 1838. A Sociedade de Geografia do Rio do Janeiro é de 1883, inspirando-se no modelo das congêneres europeias, sobretudo a de Paris, instituída em 1821.(CARDOSO,2005, p. 81).

<sup>4</sup> Para Ritter (apud TATHAM, 1960, p. 561), a sua “geografia científica ou geografia geral comparada” dedica-se a “Apresentar um retrato vivo de todas as terras, com seus produtos naturais e cultivados, seus aspectos naturais e humanos [ ] e apresentar tudo isto como um todo coerente [ ]”.

pela Revista do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará - RIHGAC ou Revista do Instituto do Ceará –RIC, instituição fundada em 1887. As três memórias compõem o livro *Memória sobre a Capitania do Ceará e outros trabalhos*, edição fac-símile da referida revista, editado em 1997.

Durante sua permanência no Ceará (1799-1816), João da Silva Feijó descreveu, mapeou, fez coletas de objetos ligados a História Natural, campo que o ligava a outros naturalistas da Europa. No segundo semestre de 1800, Feijó se dirigiu ao sul da capitania do Ceará, para fazer inspeção das antigas lavras de ouro da Mangabeira, na época distrito de Icó. Por causa da seca se deslocou para a então vila do Crato, permanecendo cinco dias em terras da *Serra dos Cariris Novos*. Em carta de 11 de dezembro de 1800, Feijó realça as petrificações de peixes como as “produções naturais mais importantes daqueles lugares”. Essas petrificações constituem objeto de interesse da História Natural e do aprofundamento do sistema geral da natureza. Feijó discorre sobre o lugar no qual localizou as coleções de peixes petrificados e onde as notícias também denotam sua existência.

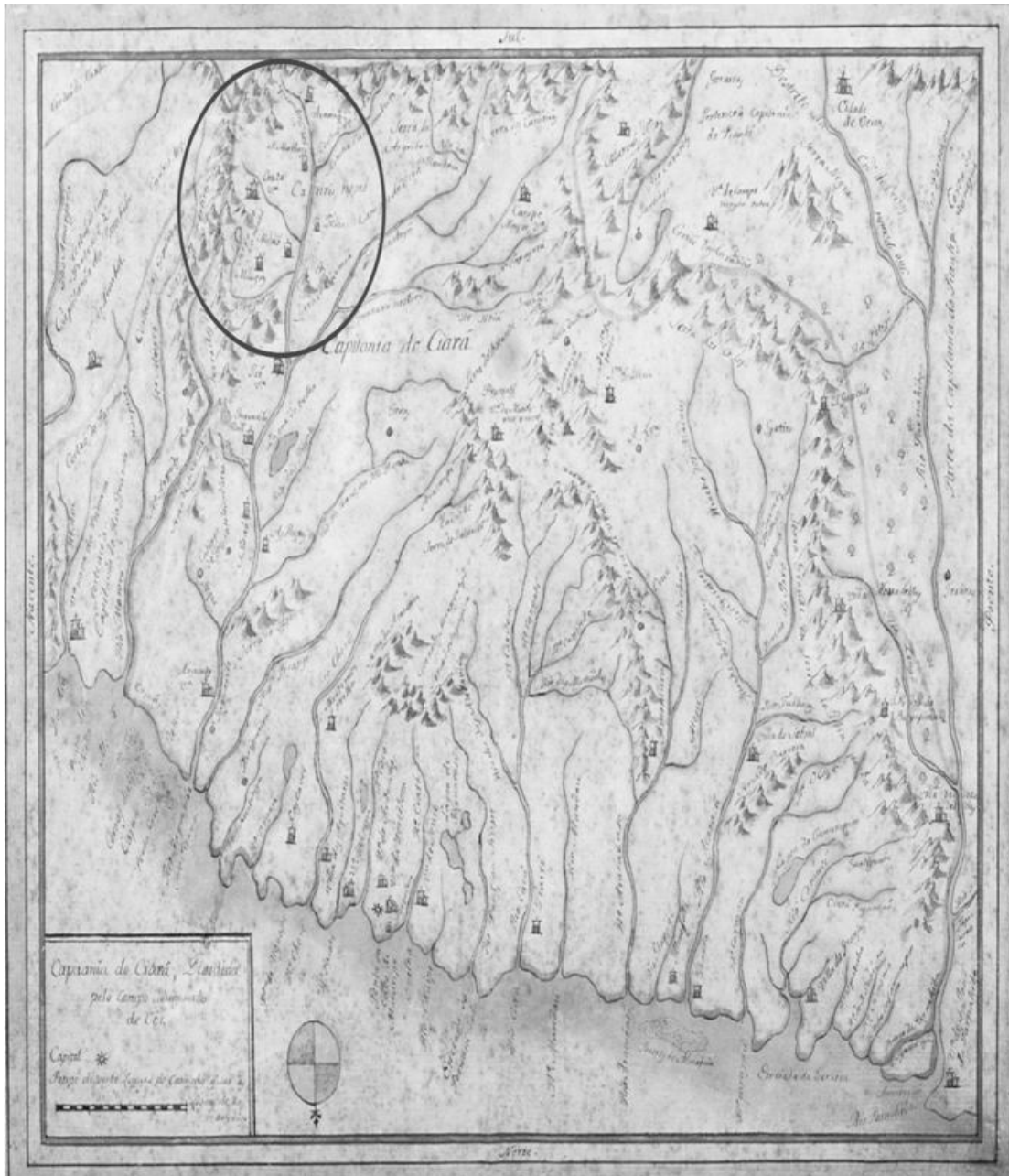
Tenho encontrado esta Petrificação *espalhada por cima da terra da Serra, que demora entre a Missão velha, e o Lugar chamado os Milagres, no Engenho Gameleira*: também consta-me a existência delas *além da Serra dos Cariris Novos, onde se diz o Jardim*, cujas amostras se não forem com aquelas, espero ter a satisfação de as remeter. (FEIJÓ, 1800/1912, *ibid.*).

O Ceará foi declarado administrativamente autônomo de Pernambuco em 1799 (STUDART, 2001, p. 426 apud JUCÁ NETO, 2010, p. 4), podendo fazer comércio diretamente com Portugal. Jucá Neto (2010) afirma que tal autonomia levantou a urgência de representação da Capitania. A carta *Capitania do Ceará Dividida pelo Campo Iluminado de cor* é creditada ao naturalista Feijó. Para Jucá Neto (2010, p. 3), ele é o autor “da primeira carta com as demarcações das fronteiras cearenses de que se tem notícia”, tendo sido “[...] provavelmente elaborada entre meados de 1799 e o fim de 1800 por Feijó”.

O trecho destacado na representação seguinte (figura 01) ilustra as diversas referências espaciais citadas nas memórias de Feijó: Cariris Novos, Crato e as povoações do sul: Missão Velha, Milagres, Telha, Arneiroz, São Matheus, aparecendo em destaque a formação montanhosa da Serra Grande, da qual ele considera que faz parte a Serra do Araripe. Os rios cortando as terras do Cariri-Araripe também são delineados na carta. Como aponta Jucá Neto (*ibid.*, p. 5) “O território é desenhado de uma forma ‘achatada’ na região sul - fazendo com que a vila do Crato fique mais próxima da costa do que a povoação de Arneirós[ ]”.



Figura 01 – “Paiz” dos Cariris na Capitania do Ceará: 1799-1800 (Feijó)



(Título original: *Capitania do Ceará Dividida pelo Campo Iluminado de cor.* (Fonte: Mapoteca da Diretoria do Serviço Geográfico do Exército no Rio de Janeiro. Localização: 02.04.362).

Feijó ao descrever o local das lavras, o naturalista o relaciona a “Cadeia de Montes” que “tanto mais se eleva, quanto se aproxima a serra dos Cariris, que é retalhada por infinitos vales, mas ou menos profundos”, e “atravessa não só esta Capitania, porém ainda as da Paraíba, e Pernambuco.” (FEIJÓ, 1912/1997, p. 365). As lavras de ouro já estavam abandonadas 40 ou 50 anos antes dessa inspeção feita por Feijó em 1800. O intelectual descreve a composição do material coletado, apresentando como aconteceu a exploração na época de mineração e os motivos da sua proibição.

Feijó pondera sobre novas condutas para o melhor aproveitamento e direção das atividades de mineração. Entre elas, indica o abastecimento do trabalho das Minas pelo *Paiz dos Cariris*. Ele propõe:

[...]parece-me conveniente lembrar que o País dos Cariris, Termo<sup>5</sup> da Vila do Crato<sup>6</sup>, é tão fértil, que permite a cultura dos vegetais em todas as estações pela exuberância de águas de rega. Assim para haver este mantimento em abundância, que se determine por ordem positiva, e inalterável, que os lavradores daquele Termo, que não possuírem de seu sete Escravos de trabalho, não cultivem canas, como abusivamente fazem, e menos tenham as costumadas *Engenhocas de rapaduras*; Sim plantem só a mandioca, o feijão, o milho, e o arroz, para com isto suprirem os Mineiros, permitindo-se livre suas vendas. (FEIJÓ, 1912/1997, p.370-1, grifo nosso).

O intelectual relaciona as duas zonas, a de atividade extrativa e a de lavradores dos Cariris como componente do planejamento do retorno da mineração de ouro. Os lavradores - aqueles que não têm a posse de escravos, do “País dos Cariris”, são colocados a serviço e como objetos desse plano econômico-geográfico. O intelectual recomenda ordem e determinação para que os lavradores *não cultivem canas* e nem se dediquem as *engenhocas de rapadura*, dois artigos importantes dos Cariris dessa época, mas que acabam nesse planejamento aparecendo como atividades secundárias, desprestigiadas em relação à mineração.

*Memória sobre a Capitania do Ceará*, escrita em 1814 (publicada na RIC em 1889, p. 3-27) é dividida em três artigos, intitulados respectivamente *Dacorografia do Ceará* (p.4-7), *Do físico* (p.7-21)e *Do político do Ceará* (p. 21-27). Feijó apresenta a divisão da capitania quanto a qualidade física do terreno. O território é dividido em *beira-mar*, *montanhoso* e *sertão*. (FEIJÓ, 1889/1997, p. 11).O intelectual atribui grande importância à agricultura, defendendo a proteção da agricultura do *paiz* (Capitania do Ceará), merecedora do “[...] primeiro dos cuidados políticos”. Destaca a fecundidade das terras elevadas e montanhosas da Capitania e dos terrenos de beira-mar, também com maior abundância de águas e de vertentes. (FEIJÓ, *ibid.*, p. 26). No segundo artigo, Feijó apresenta a serra dos Cariris como um dos três pontos que definem a extensão da capitania do Ceará, considerando-a como uma das “montanhas” que congregam a chamada Serra Grande. Ao tratar da constituição interior da capitania, ele dedica atenção às coleções de petrificações de peixes encontradas no *Paiz dos Cariris*.

É possível visualizar nos escritos de Feijó, certa preocupação em estudar fenômenos naturais e culturais buscando traçar correlações entre zonas e indicar caminhos.Essa forma de pensar o Cariri em seu papel de abastecimento de produtos agrícolas para outras regiões tem sua continuidade no século XX, em documentos que retratam essa parte do Estado do Ceará como sua “região celeiro”. Guardadas as devidas proporções, é possível identificar as ponderações de Feijó como uma espécie de programação do desenvolvimento econômico regionalizado, ou um exercício de regionalização, no sentido definido por Gomes (1987). O naturalista reconhece a

<sup>5</sup> Termo ou município, menor divisão administrativa da Capitania.

<sup>6</sup> A instalação da vila do Crato aconteceu em 1764, sendo a oitava vila do Ceará colonial.

importância nessa programação das correlações entre as zonas da Capitania, procurando estabelecer as áreas e atividades prioritárias e seus pontos de apoio.

### GEORGE GARDNER

A curta vida do naturalista escocês George Gardner (1812 - 1849) é pouco conhecida. Nasceu em maio de 1812 em Glasgow (Escócia) e realizou curso de Medicina nessa mesma cidade, o concluindo em 1835. Segundo Paiva, o interesse pela Botânica começou na época desses estudos, para o qual concorreu o contato com o “[...] professor William Jackson Hooker (1785 - 1865)”. Paiva (2002, p. 49) complementa: “Logo depois de receber o diploma de doutor em Medicina, conseguiu subvenção de quatro museus e de vinte botânicos particulares, com a finalidade de coletar material no Brasil, onde se demorou por quase cinco anos (1836 - 1841)”.

A principal obra consultada foi o livro *Viagem ao interior do Brasil*, edição de 1975. Os escritos originais de Gardner foram encerrados em 1846. A obra foi editada em português pela primeira vez em 1942<sup>7</sup>. O intelectual relata observações dos deslocamentos feitos entre 1836 e 1841. O quinto e o sexto capítulos reúnem as informações sobre as viagens nas terras do Ceará.

Conselhos de estrangeiros que residiam no Brasil e de outros viajantes ajudaram o estudioso a estabelecer a “melhor rota” de viagem. Gardner procurou traçar seu roteiro em áreas não percorridas em expedição pelo Brasil de 1917 a 1920 pelos naturalistas bávaros Johann Baptist Von Spix (1781 - 1826) e Karl Friedrich Phillip von Martius (1794 - 1868).

George Gardner chegou ao Brasil em 23 de julho de 1836, desembarcando no Rio de Janeiro. O roteiro incluiu as “então províncias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Ceará, Piauí, Goiás e Minas Gerais” (PAIVA, 2002, p. 49). Após explorar os arredores da cidade do Rio de Janeiro, Gardner partiu em 15 de setembro de 1837 rumo às Províncias do “norte”, viajando de navio (ibid., p. 53).

Nessa viagem, fez escala em Salvador, desembarcando em Recife em 09 de outubro de 1837. Dessa Província se deslocou para Alagoas e baixo São Francisco. Retornou ao Recife e passou de abril a julho de 1838 numa casa de campo. Dessa cidade partiu na escuna Maria Luiza para a Província do Ceará, chegando a cidade de Aracati em 22 de julho de 1838. Esse deslocamento foi definido após se informar da “melhor rota para a viagem planejada”

Os que tinham percorrido o interior aconselhavam-me convictamente ir por mar até Aracati, cidade da Província do Ceará, a dois graus e meio ao norte de Pernambuco, e partisse desse porto para o interior, pois as estradas eram algo melhores que as que partiam de outros lugares da costa, e mais baratos os cavalos. Resolvi, portanto adotar este plano, e não tive afinal, motivos de arrependimento. As melhores informações recebi-as de dois comerciantes portugueses, de nome Pinto, residentes em Icó, grande cidade do interior da Província do Ceará e que tinham vindo a Pernambuco fazer compras, como era seu costume cada dois ou três anos. (GARDNER, 1846/1975, p. 79).

<sup>7</sup> GARDNER, G. *Viagens no Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836 - 1841*. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.



O estudioso embarcou no dia 19 de julho. Apesar das péssimas condições da viagem de escuna até Aracati, Gardner (1846/1975) informa que aproveitou essa etapa para se informar sobre os lugares a visitar, os melhores caminhos e pessoas para estabelecer contato. No terceiro dia de viagem, Gardner informa da chegada à barra do Aracati. Nessa cidade se instalou durante quinze dias, fazendo várias excursões pelos arredores, conseguindo “[...] espécimes da maior parte das plantas em florescência”. Na manhã do dia 03 de agosto partiu a cavalo até Icó. Gardner descreve a paisagem de forma detalhada, fazendo comparações entre a viagem no norte do Brasil, “onde reina grande calor”, e aquelas feitas no sul, desenvolvendo analogias entre plantas, animais, costumes e hábitos.

George Gardner percorria a “estrada que o levava ao interior do Ceará”, se interessando pela diversidade. Ao percorrer o trajeto que se refere como de “subida” e de avanço a “regiões mais solitárias e menos habitadas das províncias do interior”, ele demonstra certo descontentamento pela passagem “através da mesma espécie de região”, referindo-se especialmente às terras baixas e planas do trajeto. Também indica como pouco proveitoso a realização da viagem durante a noite: “No decorrer de minhas extensas viagens tive por princípio nunca andar de noite, a não ser em zonas decididamente desertas, a fim de que não me escapasse à observação nada que tivesse interesse” (GARDNER, 1846/1975, p.84).

Observar diretamente os objetos de interesse depende da condição do observador, denotando a forma empírico-descritiva de produzir saber nessa época. O papel do sujeito que pesquisa é fundamental, pois a observação é a etapa primeira do processo cognitivo. Descrever a fisionomia da paisagem é um traço em comum das enunciações. A fisionomia é a manifestação concreta da singularidade de cada combinação, permitindo “[...] reconhecer a expressão de uma essência invisível (o movimento) dentro do domínio do ‘visível’”, aponta Gomes (2005, p. 200).

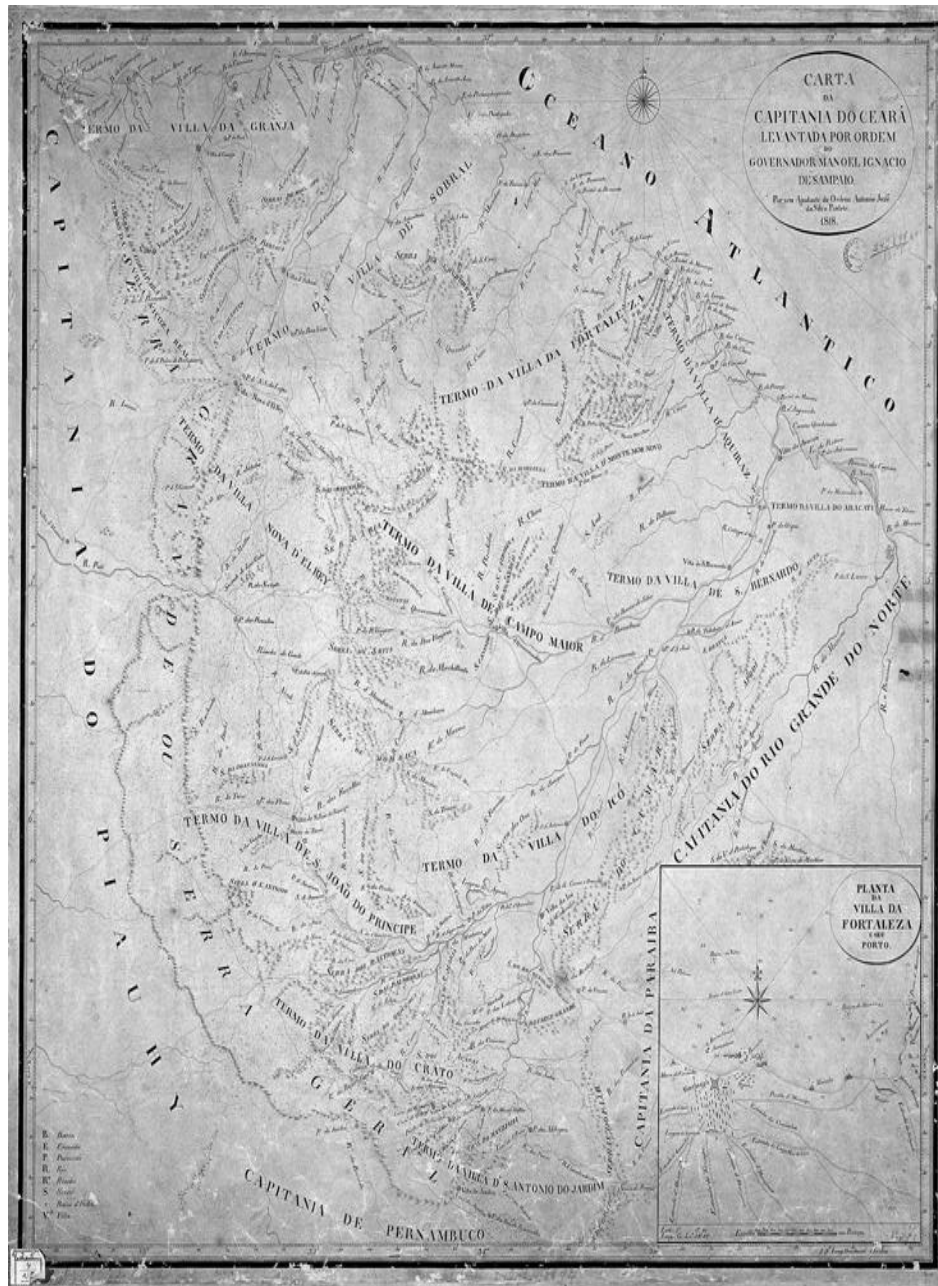
Os tipos de acampamentos, os problemas enfrentados durante as viagens, os hábitos alimentares das pessoas também são descritos por Gardner. Ele informa dos pratos apreciados “pela gente da terra”, destacando o “açúcar mascavo, a que chamam rapadura e que vem da *zona acima de Icó*”, usando expressão de sentido posicional para abordar o Crato e cercanias.

Em terras do Ceará, descreve a fisionomia do solo, curiosidades e informações da fauna. Nos dias em que o “aspecto da paisagem” muda, o naturalista destaca os elementos de diversificação. Ao chegar em Icó, ele apresenta a cidade como “uma das principais do interior da Província do Ceará”, descrevendo sua localização, atividades mais importantes, etc.. Gardner passou três semanas em Icó.

Ao se deslocar para a “Vila de Lavra de Mangabeira” destaca: “A alternativa de montes e vales torna menos monótona esta parte da viagem”. A localidade “está situada nas margens do Rio Salgado, contendo de oitenta a cem casas, todas pequenas e muitas caindo em ruínas. Encontra-se ouro nos arredores, em solo aluvial escuro, pouco abaixo da superfície.” Gardner informa que encontrou com um dos mineiros um tempo depois e que o mesmo explicou que a quantidade de ouro existente era “demasiada pequena para compensar o custo da extração. Outro empecilho era a falta eventual de água” (ibid.).

O trabalho examinado comunica as anotações do diário de viagem, desde Aracati até o sul da província do Ceará, passando por São Bernardo (Russas), Icó, Termo do Crato e Barra do Jardim (Termo de Santo Antonio de Jardim). A figura 02 ajuda a identificar as principais vilas por onde passou em seu descolamento nas terras cearenses iniciado em 03 de agosto de 1838.

Figura 02 - Carta Marítima e Geográfica da Capitania do Ceará de Silva Paulet, 1817



**Denominação:** Carta Marítima e Geográfica da Capitania do Ceará levantada por ordem do Governador Manoel Ignácio de Sampaio por seu ajudante d'ordens Antonio José da Silva Paulet - 1817. **Fonte:** Gabinete de Estudo Arqueológicos de Engenharia Militar (GEAEM). Lisboa. Desenho N° 4578.

Sua passagem pelas lavras de Mangabeira foi rápida. Ainda em Icó, lamenta “não poder aproveitar o tempo em consequência da seca reinante nas vizinhanças” e por desejar “chegar o mais cedo possível a Crato, cidade situada a cerca de cento e vinte milhas ao sudoeste, no sopé das montanhas que separam as Províncias de Ceará e Piauí, onde, me

afirmaram que minhas pesquisas seriam compensadas amplamente, porque o clima geral era muito mais fresco e a região bem irrigada pelos regatos das montanhas” (GARDNER, 1846/1975, p. 88). A seguir a descrição do dia oito de setembro de 1838, quando se aproxima da vila de Crato:

[...] continuamos o caminho, parando às onze horas sob umas árvores à beira do rio. *A rota era agora em uma região mais rica que as que eu vira até então na província, coberta de matas na maior parte cheias de folhagem.*

Perto das casas, *que apareciam mais numerosas que até aqui, vicejavam grandes plantações de algodão, fumo, cana de açúcar e mandioca.* Nos galhos de grande árvore junto da estrada apanhei a primeira orquídea que havia visto na jornada, uma espécie de *Oncidium*, comprida e de folhas redondas. [ ]

Na tarde desse dia viajamos cerca de duas léguas e paramos para descansar em pequeno canavial (engenho de rapadura). (GARDNER, 1846/1975, p. 91, grifo nosso).

George Gardner ressalta a diversidade desse local. Ele tem a possibilidade de ampliar sua coleção de plantas, vez que a temporada de estiagem e “a mesma espécie de região” na qual estava percorrendo não favoreciam novas descobertas. Ao se aproximar da Vila de Crato aponta:

A estrada era toda plana e arenosa, a região ao sul coberta de grandes árvores, ao passo que o norte, muito plano, era principalmente plantado de cana de açúcar, vendo-se a estreitos intervalos diversas casas, cada qual com um engenho e uma caldeira ao lado, para converter o suco de cana em rapadura. [ ]

Impossível descrever o deleite que senti ao entrar neste distrito, comparativamente rico e risonho, depois de marchar mais de trezentas milhas através de uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto. (GARDNER, *ibid.*, p. 92).

Gardner enaltece essa paisagem que se diferencia de “uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto”, referindo-se ao trajeto percorrido entre Aracati e Crato. Em sequência ao referido fragmento, Gardner apresenta em tom bem poético os sentimentos em relação a esse lugar, que se diferencia das terras baixas que oprimem o viajante:

A tarde era das mais belas que me lembra ter visto, com o sol a sumir-se em grande esplendor por trás da Serra de Araripe, longa cadeia de montanhas a cerca de uma légua para o oeste da Vila; e o frescor da região parece tirar aos seus raios o ardor que pouco antes do poente é tão opressivo ao viajante nas terras baixas.

A beleza da noite, a doçura revigorante da atmosfera, a riqueza da paisagem, tão diferente de quanto, havia pouco, houvera visto, tudo tendia a gerar uma exultação de espírito, que só experimenta o amante da natureza, e que em vão eu desejava fosse duradoura, porque me sentia não só em harmonia comigo mesmo, mas “em paz com tudo em torno” (GARDNER, 1846/1975, p. 92).

Gardner expressa como a paisagem faz efeito em um “amante da natureza”, não escondendo suas emoções, suas impressões. É possível identificar a aproximação desses escritos ao chamado discurso romântico, contracorrente do iluminismo/racionalismo. Esses dois importantes polos epistemológicos atravessam a obra dos intelectuais. Para Gomes (2005, p. 33),

Enquanto para o racionalismo, pelo método científico, deveriam ser criadas as condições de distanciamento dos fatos, para este outro ponto de vista, assim agindo, perdemos a possibilidade de verdadeiramente compreender a riqueza da diversidade dos fenômenos. O sentimento, a empatia, a identidade são instrumentos epistemológicos tão importantes quanto o raciocínio lógico.

Gardner demonstra simpatia pela diversidade observada ao longo do seu percurso, valorizando e detalhando sobre o que considera particular no sul do Ceará, tanto no que se refere à fisionomia natural, quanto o que consegue captar da moralidade dos habitantes, de seus hábitos alimentares, modos de socialização, costumes, tipos de construções e a forma de lidar e aproveitar os recursos que a natureza dispõe. Destaca a cobertura de matas com folhagem, a região mais rica, em função também da maior quantidade de habitações e plantios. Começa demonstrando alegria ao avistar o distrito do Crato que lhe parece “rico e risonho”.

Gardner demonstra a equivalência entre a ideia de sertão e de interior, contrapondo-as a noção de costa. Emprega também a referência dessa parte como “acima do Icó”, comparando, nesse caso, o litoral como percurso de “descida” e o interior como viagem de “subida”. Gardner exalta as condições da parte fértil do sertão, que dispõe de água, de plantas verdes em todas as estações do ano. Esse aspecto a diferencia durante a estação seca do trecho anteriormente percorrido e da “condição deserta da zona entre a Vila e Oeiras, capital da Província do Piauí”, seu próximo destino. Essa é inclusive a justificativa apresentada por Gardner para o maior tempo de estadia em Crato:

Em minha chegada a Crato vi que seria necessário ficar ali mais tempo do que tinha antecipado, em vista da condição deserta da zona entre a Vila e Oeiras, capital da Província do Piauí, durante a estação seca, época em que a água e a grama são tão escassas que só as pessoas bem conhecedoras da região emprenderiam tal viagem. Aconselharam-me, pois, fortemente a adiar a partida de Crato até que principiassem as chuvas, conselho que de bom grado ouvi achando que aquele distrito era ótimo campo para as minhas pesquisas botânicas[ ] (GARDNER, 1846/1975, p. 99).

Durante cinco meses, Gardner (ibid., p. 95) fez “numerosas excursões nas redondezas” desse lugar, identificando a Serra do Araripe, como “o melhor campo de pesquisas”. Ele destaca: “Desta serra, que dista de légua e meia a duas léguas do Crato, brotam numerosas fontes a que se pode atribuir *a grande fertilidade desta parte do sertão*, cujas correntes de água se diversificam em mil direções para os fins de irrigação” (GARDNER, 1846/1975, p. 95, grifo nosso).

Denota a diversidade na cobertura vegetal na base da serra, nos sítios baixos e úmidos e no alto da chapada ou “topo da Serra do Crato”/“tabuleiro”. Ele usa uma terminologia que lembra nomenclaturas de divisão da região feitas pelos moradores até os dias atuais: “pé de serra”, “brejo”, “vale”, “ponta da serra” e “alto da serra”. A serra do Araripe, identificada atualmente como chapada pelos especialistas, é uma das importantes referências para a toponímia de algumas localidades da região do Cariri cearense.

Essa enunciação é muito utilizada em vários documentos que informam sobre o Cariri no século XX. É possível associar a forma que esse intelectual usa para comparar o distrito de Crato e seus arredores a uma região que era “pouco melhor que um deserto” ao termo e metáfora “oásis” empregado para ilustrar a diversidade dessa área do Ceará em relação ao semiárido e depressão sertaneja.



Vale lembrar a emoção e satisfação de Gardner ao chegar nessa vila no dia 08 de setembro de 1838. Ele expressa o “deleite” que sentiu “ao entrar neste distrito, rico e risonho”, apontando “o frescor da região”, “a riqueza da paisagem” após “marchar através de uma região que naquela estação era pouco melhor que um deserto”.

Gardner, assim como a maioria dos estudiosos que percorreram o Brasil durante a mesma época, coloca a natureza como protagonista, situando no centro de suas preocupações a fisionomia e condições dos elementos naturais. Mas, existem, em seus escritos, registros sobre a sociedade, hábitos, racionalidade, tipos e mentalidade sobre o trabalho, entre outros aspectos. O estudioso se pronuncia sobre as possibilidades futuras do aglomerado de Crato, mas adverte sobre os empecilhos constatados naquele momento:

Atualmente apenas se cultiva pequena parte *desta fértil zona*, que, entretanto, se compensaria muito esse labor. Mas os arredores têm população escassa e os nativos por hábito extremamente indolentes, podendo com pouco trabalho colher quanto lhes baste ao sustento da vida, nada mais parecem querer além disso. Seu vestuário é dos mais simples e, por isso, não é caro. Quando, porém, a população houver crescido e a civilização tiver multiplicado suas necessidades, certo que este distrito se mostrará rica e valiosa parte da província. (GARDNER, *ibid.*, p. 95).

As possibilidades “desta zona fértil” em tornar-se rica parte da província é contraposta ao hábito indolente dos habitantes. Também constata outro empecilho ao seu progresso: “a falta de outras comunicações, além das terrestres, com a costa.” (GARDNER, *ibid.*) Sobre Barra do Jardim, Gardner comenta os tipos de plantio, opinando que os seus habitantes não cultivam o café mais rendoso, devido a “seus hábitos de ócio e indolência e o horror que sentem a tudo que inove os costumes de seus antepassados.” Para Gardner, “a zona não está em mãos de gente industriosa”, se o tivesse “seria, sem dúvida, uma das mais ricas do norte do Brasil”.

Nesses tempos em que a mentalidade calculista e utilitarista começa a se propagar, no dizer de Sábato (1993), os estudiosos acabam apreciando de forma negativa o hábito daqueles que cultivam a terra somente para o próprio consumo, negligenciando os valores de troca. As discontinuidades históricas e geográficas entre o botânico escocês e a população dessa zona ao sul do Ceará podem ter provocado distanciamentos, pré-julgamentos e hostilidade de parte a parte.

As considerações de Gardner sobre moral, costumes e racionalidade dos moradores da vila e suas queixas sobre as pessoas da vila do Crato resultam da combinação de vários aspectos: as convicções de sua fé religiosa<sup>8</sup>, misturadas a postura filosófica e sócio-política, que favorecem o desenvolvimento de afinidades e estranhamentos em relação aos valores e racionalidades “de lá” e os “daqui”; o período mais prolongado que passou no Crato e arredores contribuiu para que percebesse mais de perto a intimidade dos grupos com os quais estava convivendo.

A Serra do Araripe é “o melhor campo de pesquisas”, que o supriu de plantas novas e raras e onde procurou o depósito de peixes fósseis, importante objeto que “compensa” suas travessias “nessa parte do sertão do país”. Ele deixou importantes

<sup>8</sup> Nos escritos de Gardner sobre a estadia em Icó ele informa que é protestante e que diante da ignorância que prevalecia em quase todo o clero que encontrou sobre essa religião, passou a se identificar como cristão..



contribuições para o conhecimento da cultura dos povos do interior das províncias e para a reconstrução do saber regional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pronunciamentos de Feijó e Gardner ajudam no exercício de reconstrução do pensamento regional, a situar e relativizar os aspectos da diferenciação, excepcionalidade e centralidade do Cariri cearense. Os documentos examinados informam sobre atributos ligados a essa região que são relançados no período contemporâneo, tais como sua imagem de óasis.

Feijó e Gardner chegam nas terras do Cariri-Araripe em momentos diferenciados de suas trajetórias profissionais e pessoais, procurando responder a expectativas daqueles tempos-espacos de contato. Em um período de prolongada estiagem, os estudiosos se interessam pelo excepcional, observado na cobertura vegetal, na abundância de água da Serra dos Cariris, inclusive no período de estiagem, no relevo que se sobrepõem a planura do que está em volta, na agricultura e produtos cultivados, nos estreitos intervalos entre as casas, no potencial de “progresso” econômico.

Feijó e Gardner percorreram e registraram informações sobre o sul do Ceará no começo do século XIX, registrando e catalogando os objetos da filosofia e história natural, sobretudo da flora, os minerais e fósseis, impulsionados pela demanda de instituições e grupos que os patrocinaram e guardavam expectativas em relação aos frutos de suas explorações científicas. O potencial econômico dos lugares visitados e seus empecilhos também não passaram despercebidos dos naturalistas. São descritas impressões da sociabilidade e hábitos dos moradores, das condições do traçado das cidades, aspectos arquitetônicos e do habitat rural.

Esse conhecimento também se tornou significativo para outras expectativas sociais, inclusive sendo relançados no presente para afastar dessa região o desprestígio e realçar a centralidade dessa área em relação a fertilidade de suas terras, do potencial de seu conjunto, de sua diferenciação ambiental e social. Explorar e exercitar o quadro referencial do estudo regional no desenrolar da história da própria ciência e do chamado Cariri cearense permite refletir sobre regularidades e particularidades das práticas científicas e da formação regional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. BAUER, M.W.; GASKELL, G.(Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERDOULAY, Vincent. Do contexto ao relato: revisitar a modernidade. CASTRO, I.E.de; MIRANDA, M.; EGLER, C.A.G. (Orgs.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; FAPERJ, p. 315 - 322, 1999.
- CUNHA, Maria Soares da. **Pontos de (re) visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri cearense (séculos XIX e XX)**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2012.

FEIJÓ, João da Silva. **Memória sobre a Capitania do Ceará e outros trabalhos**. Ed. Fac-simile de Separatas de artigos da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldermar Alcântara, 1997. (Biblioteca Básica Cearense).

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil (1836-1841)**. São Paulo, EDUSP/Belo Horizonte, Itatiaia, p. 79 - 108, 1975. (T.1, 135).

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2005.

\_\_\_\_\_. **As razões da região**. 1987. 194 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, nov. 1987.

GREGOLIN, Maria do R. Chegado o tempo de partir os espelhos, todos os caminhos se bifurcam. \_\_\_\_\_. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso - diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz Editora, pp. 151 - 188, 2004.

GREGORY, Derek. Teoria social e geografia humana. DEREK, Gregory; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Orgs.). **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 90 - 122, 1996.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. Desenhando o Ceará. In: **3º Simpósio Ibero Americano de História da Cartografia, 2010**. Agenda para a História da Cartografia Ibero Americana. USP: São Paulo, abril de 2010. v. 1. p. 1-20. Disponível em: <<http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/texto-com-imagens-cartografia-sp-desenhando-o-ceara-texto-final.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2012.

KURY, L. B. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, VIII (suplemento), p. 863-880, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a04v08s0.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2009.

LOPES, Maria Margaret; SILVA, Clarette Paranhos da. O ouro sob as Luzes: a arte de minerar no discurso do naturalista João da Silva Feijó (1760-1824). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 11, n.3, p. 731-50, set. dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11n3/09.pdf>> Acesso em: 13 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. Investigações em história natural no Ceará: os estudos do naturalista João da Silva Feijó (1760-1824). **Revista Ciências Humanas - Revista da Universidade de Taubaté**, Taubaté, v.9, n.1, p. 69 - 75. 2003. Disponível em: <<http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/investigacoeshistoria-2003.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

MENESES, JoednaR. de. **A indústria do atraso ou o atraso da indústria? O discurso da industrialização no Nordeste 1950-60**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História/UFPE. Recife, 1999.

MENEZES, Luiz Barba Alardo. **Memória Sobre a Capitania Independente do Ceará**. Documentação Primordial Sobre a Capitania do Ceará, Fortaleza: Biblioteca Básica do Ceará, 1997.

NOBRE, Geraldo da Silva. O naturalista Feijó, pioneiro nos estudos cearenses (Apresentação). **Memória sobre a Capitania do Ceará e outros trabalhos**. Ed. Fac-simile de Separatas de artigos da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Fundação Waldermar Alcântara, 1997.

- NOGUEIRA, Paulino. O naturalista João da Silva Feijó. **Revista do Instituto do Ceará**, A. 2, T. 2, p. 247 - 276, 1888.
- PAIVA, Melquíades Pinto. **Os naturalistas e o Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.
- \_\_\_\_\_. Os naturalistas e o Ceará: 1 João da Silva Feijó (1760-1824). **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza. Tomo 105, p. 21 - 43, 1991.
- PATAÇA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 58-79, jan. jun. 2005. Disponível em: <[www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=126](http://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=126)>. Acesso em: 16 mai. 2009.
- SÁBATO, E. **Homens e engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo**. Trad. Janer Cristaldo. Campinas, SP: Papirus, 1993.
- SILVA, Clarete Paranhos da. As Viagens Filosóficas de João da Silva Feijó (1760-1824) no Ceará. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 47, p. 179 - 201, 2007.
- TATHAM, George. A geografia no século XIX. **Boletim Geográfico**. Ano 28, n. 157, p. 551-578, jul./ago., 1960.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica. **Cidadãos Modernos - Discurso e Representação Política**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.